

A Arvore de Natal

Celso Aímola

Éramos pobres, não paupérrimos, mas dinheiro era artigo de luxo em nossa casa.

Morávamos em uma casa de madeira, com três quar-tos, um quintal enorme com muitas árvores, numa velha casa de fundos, e para chegarmos nela necessitávamos atravessar um longo corredor.

Era dezembro, eu devia ter uns quatro ou cinco anos de idade, e o clima de Natal já tomava conta da pequena ci-dade onde morávamos. Um dia, reparei:

-Pai, cadê a nossa árvore de Natal?

Em nossa casa não havia árvore de Natal. As bolas eram caras, a própria árvore não deveria ser barata, e antes do supérfluo vinha o necessário...

Meu pai olhou-me, pensativo. Respirou fundo e pen-sou por mais alguns instantes, tempo mais que suficiente para que a minha notória falta de paciência me impulsionasse em repetir a pergunta:

-Paiêee... Por que aqui em casa não tem árvore de Natal?

-Paiêee...

-Paiêee...

-Paiêee...

-Paiêee...

-Paiêee...

Nisso meu pai sorriu um sorriso diferente. Não era um sorriso sem graça, dado quando não temos desculpas para dar ao moleque pentelho, ou um sorriso falso do tipo "não en-che!". Era um sorriso bonito de quem havia pensado em como fazer algo pelo filho. Era um sorriso constante no rosto de meu pai, pois ele vivia em pensar algo para os filhos, mas a-quele sorriso era especial. Ele passou a mão em minha cabe-ça e respondeu:

-Nossa, o pai esqueceu da árvore... Vamos fazer u-ma?

Meus olhos se encheram de alegria. Imaginar-me fa-zendo uma árvore de Natal, junto a meu pai, era melhor do que comprar uma, pois seria a nossa árvore...

Ele rapidamente pegou um serrote e uma escada. En-tregou-me o serrote e fomos caminhando até uma das muitas árvores que havia naquele quintal. Olhou para cima, escolheu, escolheu, e acabou por colocar a escada em posição. Subiu e começou a serrar. Quando estava quase acabando, disse:

-Sai de baixo...- no que foi atendido na hora.

O grande galho caiu, sob o olhar radiante de um mo-leque espantado e impressionado pela destreza do pai.

Arrastamos o galho para perto da casa, nos sentamos no chão e começamos a limpá-lo. Tira um galhinho daqui, ar-ranca aquelas folhas dali, serra mais um pedaço acolá...

Eu, apesar de feliz em estar junto a meu pai, não con-seguia mais enxergar, naquele galho caído no chão, a menos sombra de uma árvore natalina. Não entendia nada de árvo-res de Natal, muito menos em como elas são feitas, mas já havia visto nos filmes que elas eram coloridas, cheias de fo-

lhas e galhos e bolas brilhantes, o que, sob nenhum aspecto, tinha algo em comum com aquele galho no chão.

Nisso, meu pai levantou-se, ainda sorridente, com o seu constante sorriso de moleque no rosto. Segurou-me pelos braços e, sem dizer nada, girou-me no ar e montou-me de ca-valinho em suas costas. Saímos de casa, sem dizer nada a ninguém...

Atravessamos o longo corredor até sairmos na rua. Vi-ramos à esquerda e seguimos em frente, passando por algu-mas lojas no caminho, todas enfeitadas com suas lindas e co-loridas árvores de Natal, e todas elas diferentes daquele galho seco que jazia caído no quintal.

Entramos em uma das lojas e nela meu pai comprou várias bolas coloridas. Saímos e já entramos em outra, onde ele comprou uma lata de tinta e dois pincéis. Mais uma vez, saímos da loja e entramos em uma terceira, onde compramos um gostoso Chicabon pra cada um...

Eu via o mundo do alto, sentado no cavalo de bata-lhas que era meu pai. Sentia-me seguro ali, sabia que nada de mal me alcançaria estando naquele lugar. Sabia que meu pai me protegeria de qualquer perigo e qualquer ataque, e me sentia o rei do mundo em suas costas...

Chegamos em casa, não sem antes eu derrubar sor-vete em sua cabeça... Fomos correndo até aquele galho feio e esquisito que estava no quintal. Ele arrumou uma lata de tinta e encheu-a com terra, fincamos o galho naquela lata, e aquilo ficou horrível, não era uma árvore de Natal. Parecia uma cena do nordeste do Brasil...

Nisso, meu pai abriu a lata de tinta que havíamos comprado. Deu-me um pincel nas mãos e ficou com o outro. Disse:

-Vamos ver se você pinta bem...- desafiando-me co-mo sempre fazia.

Começamos a pintar, eu com o meu pincel, ele com o dele, caprichando em cada cantinho e curva daquele galho. A tinta, viscosa e prateada, era linda e dava uma nova cara à-quele galho feio, que nesse momento deixava de ser tão fei-o...

Pintado, deixamos que ele secasse por algum tempo e, passadas algumas horas da pintura, pusemos a mão na massa: meu pai abriu uma caixa de algodão e, arrancando os chumaços, íamos colando-os no galho prateado. Um pouco aqui, mais um pouco acolá, mais no centro...

Depois vieram as fitas, nas quais eu não conseguia fazer o maldito laço (como os laços de meu pai também não ficaram assim uma maravilha, acho que destreza manual não é artigo de origem genética...), mas que mesmo mal amarra-das, deixavam o velho galho feio com uma aparência maravi-lhosa.

Eu me sentia nas nuvens...



Por último vieram as bolas: azuis, vermelhas, amare-las, prateadas... Meus olhos brilhavam ao vê-las penduradas na nossa árvore. Colocava-as com todo o cuidado do mundo, como se aquilo fosse um dos presentes que os reis magos deram ao menino Jesus. Colocava-as com carinho, colocava-as com orgulho, uma a uma, com a ajuda de meu pai, íamos enfeitando e arrumando o maior enfeite que tínhamos em ca-sa.

Depois, sozinho, ele colocou-a na sala, aquela que era a primeira árvore de Natal de minha vida, pois era uma obra minha e de meu pai.

Sentava-me horas e horas na sua frente, observando o brilho das bolas, o colorido das fitas, as curvas dos galhos, e quando saía às ruas e via aquelas árvores enfeitadas nas lojas, dizia a mim mesmo:

-A nossa é muito mais bonita...

Isso aconteceu há mais de vinte anos e tudo o que havia de bonito naquela época jaz enterrado, sobrevivendo somente em minha cabeça. Nunca mais tive um Natal com uma árvore tão linda, sei que não terei mais Natais com meu pai nem verei seu sorriso de moleque nos lábios, e, a bem da verdade, sei que não terei mais Natal algum que se compare com aquele, cuja árvore foi criada do nada, saída de um galho seco cortado de uma árvore do quintal de uma pobre casa de madeira, mas que até hoje me dá orgulho e saudades, e é triste saber que nunca mais terei de volta algo tão especial...